

O Cruzeiro 8/6/68 1968

OS HOMENS DA NOTA SAMBA S.A.

Texto de MENDONÇA NETO
Fotos de FERNANDO SEIXAS



Tom Jobim, Roberto Carlos, Carlos Imperial, Ciro Monteiro, Claudete Soares, Rosemary, Paulo Sérgio Valle, o Trio Irakitan, cruzam muitas vezes o mesmo estúdio de tv, na luta do canto mais alto e mais rico. Das memórias do passado, quando o artista era um simples cantador de viola, quando a porta que lhe abriam era sempre a de serviço, vai um longo tempo. Agora tudo mudou e cada um deles tem como prova disto a sua vitória medida pelo êxito financeiro que muitos já alcançaram.



O homem fugiu com o dinheiro!

Esta frase ocupa boa parte das más lembranças de muitos cantores nacionais. Depois de um show extenuante, no interior do país, tinham que empenhar jóias e outros objetos pessoais para voltar ao Rio ou a S. Paulo, por causa da fuga do empresário com o lucro arrecadado. O profissional da música era desvalorizado e empulhado, vivendo à mercê de expedientes e contratos fantasmas.

Aquela frase já não mete medo a mais ninguém, hoje. Os NCr\$ 8 mil que Elis Regina, por exemplo, cobra por uma exibição, em qualquer cidade brasileira, são recebidos na hora em que o seu empresário Marcos Lázaro assina o contrato para sua apresentação. O artista não corre nenhum risco e já vai para o clube ou a praça pública com o dinheiro contado, no bôlso.

Houve época em que o prestígio social e financeiro da gente que cantava e compunha era igual a zero. Boêmio, desocupado, vadio, era o que se usava para definir a uns e outros. A música entrava nos *saraus* pela porta dos fundos, alimentava-se com as sobras do baile, ganhava o que dessem, e ainda era mandada embora de volta, a pé, com seu instrumento em cima do ombro, estrada fora.

Quando Roberto Carlos recebe seus NCr\$ 30 mil, todos os meses, só na TV Record, certamente não pensa mais nisso. Ele, como muitos, vive outra história. Promovidos das cozinhas para os lugares de honra dos grandes salões, os heróis da música popular brasileira são reis agora: além de tôdas as honorárias, sempre ficam com a maior parte dos tesouros. Eles são, hoje mais do que nunca, os homens da nota.

SENTIDO EMPRESARIAL

Marcos Lázaro foi um dos responsáveis pela valorização profissional dos artistas nacionais. Engenheiro argentino, abandonou as construções e foi cuidar, há cinco anos atrás, dos interesses da música popular brasileira, obtendo o sucesso que é comprovado pelos altos salários que carrega para os seus contratados. Só na TV Record, Ronald Golias ganha NCr\$ 30 mil, Agnaldo Rayol, NCr\$ 30 mil, além de outros ordenados fabulosos de Erasmo Carlos, Elis Regina, Edu Lôbo, Wanderléia, Moacyr Franco, todos pagos pela ML Marcos Lázaro Produções Ltda., que recebe a comissão de 10% de todo o dinheiro que cada um destes artistas ganhar, venha de onde vier.

Max Gold, que deixou sua profissão de dentista para ser empresário (não suportava ver bôcas abertas sem cantar), é o sócio carioca de Marcos Lázaro e, de suas duas salas, uma na TV Record e outra na Tupi, controlam o país inteiro, fornecendo os shows mais importantes a tôdas as cidades brasileiras. Os contratos para estas apresentações estipulam que o pagamento será feito a ML Marcos Lázaro, dividido em duas partes:

show agora é com a nota no bôlso

50% em São Paulo, ou no Rio, na assinatura, e a outra metade no hotel em que o artista ficar, antes de ser iniciado o show. Caso contrário, nada feito, já tendo havido casos de serem cancelados espetáculos, com a casa cheia de público, pelo não cumprimento desta cláusula do contrato.

PREÇOS INFLEXÍVEIS

A tabela de preços para as exhibições de cada um dos contratados da dupla Marcos e Max é inflexível: Roberto Carlos custa NCr\$ 16.500,00, por dois shows, além de treze passagens (para o seu conjunto RC-68): Agnaldo Rayol, NCr\$ 6 mil e seis passagens; Elis Regina, NCr\$ 8 mil e nove passagens; Erasmo Carlos, NCr\$ 5.500,00 e seis passagens; Moacyr Franco e Guto, NCr\$ 6 mil e seis passagens; e Sílvio César NCr\$ 4 mil e seis passagens. Além de receber hospedagem, os artistas têm direito, por contrato, à proteção policial, e não se preocupam com alvarás, licenças, transporte e outros serviços, creditados aos organizadores.

O DINHEIRO GANHO

Há seis maneiras de se ganhar dinheiro com música: compondo, cantando, tocando, empregando, produzindo e utilizando a popularidade para aproveitamento com fins comerciais. O profissional verdadeiro, e há poucos no Brasil, produz suas canções, escolhe seu repertório, conduz-se estrategicamente diante do público, para faturar. Um exemplo vivo disto é Carlos Imperial, que se pode considerar um estudioso da arte de se ganhar fortuna com a música e seus derivados.

DIREITOS AUTORAIS

Pouca gente conhece o processo da arrecadação dos direitos autorais. Como se recebe dinheiro pela música produzida? Das várias

sociedades arrecadadoras de direitos, surgiu o SDDA, especificamente para cuidar do problema, com o seu bureau de cobranças. Cada música tocada em qualquer baile ou show no Brasil constará de uma programação de números musicais a serem executados, remetida ao SDDA, com o respectivo pagamento. Ao fim de cada ano, são contados os pontos de cada música executada, isto é, quantas vezes foi tocada no país, e através deste processo se calculará quanto deverá retirar cada um dos compositores. De onde se conclui que a composição só renderá direitos autorais se for tocada em bailes e shows (rádios e TVs pagam muito pouco), e assim ela terá que ter duas qualidades essenciais: ser dançante e ter uma harmonia fácil. No passado, os campeões de arrecadação foram: João de Barros, Jair Amorim, Herivelto Martins, David Nasser, Ataulfo Alves, Luís Antônio, Adelino Moreira e outros, todos eles, porém, com uma retirada muito pequena.

NOVOS CAMPEÕES

Nos últimos dois anos, Carlos Imperial, Chico Buarque e Jair Amorim foram absolutos. No exercício 1966-67, o autor de *A Praça* ganhou, só em direitos autorais, NCr\$ 63 mil. As músicas consideradas como "bossa nova" ou "popular moderna" não rendem direitos tão largos, porque não são executadas para se dançar, mas apenas para se ouvir. Como exemplo, podem ser apontadas três canções de sucesso que não renderam quase nada aos seus autores, no Brasil, em direitos autorais: *Preciso Aprender a Ser Só*, *Oferenda* e, por fim, outra no mesmo estilo, recentemente lançada, mas com o mesmo destino — *A Juventude e a Brisa*, de Marcos Valle, Luís Eça e Johnny Alf respectivamente.

OS CANTORES

É cantando que se fatura alto na música, para a maioria dos artistas nacionais. Enquanto

A caixinha de fósforo de Ciro Monteiro e os cabelos de Roberto Carlos ficarão como timbres de duas épocas. De um se vai guardar o semblante boêmio de décadas passadas, incorporado à música e à própria alma do povo, o outro significará o momento da juventude, a vitória do iê-iê-iê, a reviravolta da moda e o espírito de rebeldia e inconformismo. De ambos terá o povo a lembrança de que foram muito ricos: de musicalidade, gosto popular e dinheiro, que não é pecado...

Roberto Carlos ganha, segundo cálculos de *experts*, média de NCr\$ 150 mil mensais, atrás dele vem um grupo bem grande de milionários: Erasmo Carlos, Elis Regina, Vanderleia e Wilson Simonal (que não é contratado de Marcos Lázaro), que ganham, só na TV Record, salários variantes entre NCr\$ 10 e 18 mil mensais.

Até os cantores mais novos faturam alto, principalmente nas TVs. Gracinha Leporace, que ganhou, com o grupo Manifesto, o concurso nacional do Festival Internacional da Canção Popular, ganha na TV Tupi, em São Paulo, salário de NCr\$ 4.000 mensais. Quase tanto quanto o Presidente da República e mais do que a maioria dos governadores estaduais.

OS MÚSICOS

A execução das músicas, ou a chefia de conjuntos e orquestras, tem dado bom dinheiro. Valdir Azevêdo, Benê Nunes, Valdir Calmon, foram alguns dos *cobras* do passado, enquanto Ed Lincoln, Lafayette e o Modern Tropical Quintet, continuam *mandando* nos shows em clubes e praças públicas. O Modern cobra NCr\$ 5 mil por exibição. Suas programações estão quase sempre preenchidas, principalmente os sábados, com vários meses de antecedência.

OS EMPRESÁRIOS

Marcos Lázaro é o mais importante do Brasil, não só pelo seu trabalho pioneiro, como pelo que ganha, que Max Gold, seu sócio, calcula modestamente em NCr\$ 50 mil mensais. Isto apenas como retirada, pois há outra grande parte utilizada como reinvestimentos. Basta dizer que ele recebe 10% do lucro de todos os seus contratados, entre eles Roberto Carlos e Elis Regina. Além de Marcos e Max, há outros de importância definida pelos seus contratados: Genival Melo cuida de Vanderlei Cardoso e sabe de todas as festas municipais e clubísticas de todo o Brasil, com as respectivas verbas destinadas a cada uma delas. O preço para a exibição de Vanderlei varia, pois, se houver vários espetáculos na mesma cidade, ele cobrará muito menos cada um.

Roberto Colosi está com Wilson Simonal e Chico Buarque de Hollanda; Guilherme

música já rende milhões

Araújo e Mário Bonfílio com Ronnie Von, sendo que Guilherme empresaria Caetano Veloso e Gilberto Gil. Além destes há Valdomiro Saad, que trabalha sobretudo nas programações dos grandes clubes, como intermediário entre os empresários dos artistas e os organizadores das promoções clubísticas.

OS PRODUTORES

O iniciador da produção de shows foi Aluísio de Oliveira, no Zum-Zum, boate carioca. Depois vieram, com grande sucesso e faturando alto, Miêle e Bôscoli ao lado de Abelardo Figueiredo, este em São Paulo, *dono*, por vários anos, de inúmeros sucessos no Beco paulista.

Na produção de discos estão o mesmo Aluísio de Oliveira, Carlos Imperial, Elcio Milito (do extinto Trio Tamba) e Arnando Pitigliani, enquanto em Rádio e TV os *cobras* são: Miêle e Bôscoli, Carlos Manga (produz o programa de Roberto Carlos), Carlos Alberto (o criador de *Noite de Gala*), João Roberto Kelly (*Times Square*), Flávio Cavalcanti (*Um Instante Maestro*), Jair de Taumaturgo (iê-iê-iê), a Equipe A da TV Record (Milton Travassos, Manuel Carlos, Tuta e Raul Duarte), Maurício Sherman, Carlos Imperial, Silvio Santos (que paga o tempo de seus espetáculos na TV paulista), além de inúmeros outros de destaque.

A PROPAGANDA

De maneira colateral, há os rendimentos comerciais, como *jingles*, anúncios, etc... A Rhodia vai lançar suas novas coleções na base da tropicalia, com Caetano Veloso, Gilberto Gil e Jorge Ben, com um contrato de NCr\$ 50 mil mensais. As linhas Jovem Guarda e Calhambeque renderam alto para Roberto Carlos e Erasmo, além de Simonal na Esso e outros menos votados. O tempo na televisão custa caro aos patrocinadores, como a Pervinc, que pagava NCr\$ 60 mil pelo *Esta Noite se Improvisa* no primeiro contrato, e muitas agências de publicidade preferem usar a imagem direta dos artistas com os produtos anunciados.

OS RICOS

Para Max Gold, o sócio de Marcos Lázaro, que nunca perde a calma nem o seu característico ar britânico, há, na verdade, os dez mais ricos da música. E ele não hesita em apontá-los: 1) Roberto Carlos, 12 carros, apartamentos, ações na Bólsa; 2) Elis Regina, casa na Barra da Tijuca; 3) Agnaldo Rayol, que ganha NCr\$ 30 mil na Record; 4) Hebe Camargo; 5) Nara Leão, vários apartamentos alugados no Rio; 6) Simonal; 7) Bibi Ferreira, casa fabulosa em Jabaquara, São Paulo, etc...; 8) Eliana Pitman, que gere seus próprios negócios através da Eliana Boocker Pitman Produções; 9) Ivon Cúri, com uma mansão no Rio e vários apartamentos; e 10) Golias, que embora seja mais cômico do que compositor e cantor, também pode ser colocado na faixa de influência da música, com seu salário de NCr\$ 30 mil na Record, seus apartamentos e suas terras em Serra Negra, São Paulo, com um grande rebanho de gado bovino.

E Max, com a prudência nata dos empresários, concorda em afirmar que o menor deles nunca terá um patrimônio que não alcance a casa dos NCr\$ 3 milhões. Das lembranças de Tom Jobim, quando entrava nas festas, para tocar, pela porta dos fundos, até os dias de hoje, a música percorreu um caminho curto e vertiginoso: das sete notas que cada um aprendeu a usar, chegaram agora os milhares, milhões de outras notas que declararam, em definitivo, a independência do artista brasileiro.

Sem nunca terem participado das brigas entre grupos da nossa música, Roberto Carlos e Tom Jobim tiveram destinos desiguais no faturamento: o autor da **Namoradinha** poderia se dar ao luxo de nunca mais cantar ou compor, pois, entre salários e rendimentos, apura cêrca de NCr\$ 150 mil mensais, enquanto que o maestro da **Garôta de Ipanema** é um desambicioso e, à frota de automóveis, prefere a companhia amiga de um canço em Saquarema ou as noites de vigília ao piano no Leblon.

